
A SEMENTE DE TRÚFULA NO SOLO DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: PENSAMENTO AMBIENTAL E O CUIDADO COM A TERRA EM “THE LORAX” DE DR. SEUSS¹

THE TRUFFULA’S SEED AT GEOGRAPHICAL EDUCATION GROUND: ENVIRONMENTAL THINKING AND CARE ABOUT THE EARTH IN DR. SEUSS’S “THE LORAX”

Henrique Fernandes Moreira Neto²

RESUMO: A ciência geográfica, que empreende a busca do entendimento da relação do homem com o meio ambiente, é constantemente desafiada pelas configurações do mundo contemporâneo a formar cidadãos que possam agir sobre e pensar seu espaço, lendo o mundo a sua volta. Esse trabalho mostra que essa formação é potencializada quando se objetiva a provocação de um Pensamento Ambiental na utilização de metodologias não tradicionais para a formação escolar do cidadão. A obra *The Lorax* de Dr. Seuss acomoda em si esses desafios e promovem o desenvolvimento da autonomia do educando e do educador ao considerar as experiências do mundo da vida como fundamento para uma Educação Geográfica.

Palavras-chave: Educação Geográfica, Pensamento Ambiental, Cuidado, Habitar, Lorax.

ABSTRACT: Geographical science, which endeavors the search for understanding of the relationship of man with the environment, is constantly challenged by the settings of the contemporary world to form citizens who can act on and think about your space, reading the world around them. This work shows that this formation is increased when it aims at provoking an Environmental Thinking in the use of non-traditional methodologies for schooling citizen. The work *The Lorax* by Dr. Seuss accommodates itself to these challenges and promote the development of the autonomy of the learner and the educator to consider the experiences of the world of life as the Foundation for an Geographical Education.

Key words: Geographical Education, Environmental Thinking, Care, Dwell, Lorax.

INTRODUÇÃO

Não o Homem, mas os homens é que habitam este planeta. A pluralidade é a lei da Terra.
(Hannah Arendt)

Somos habitantes da Via Láctea, que está no Sistema Solar, que por sua vez abriga o planeta Terra, que abriga a vida como a conhecemos, e certamente não precisamos

¹ Trabalho elaborado como parte dos estudos para confecção de um projeto de seleção de mestrado.

² Aluno ingressante do Mestrado em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, 2016.1 (Unicamp). E-mail: moreirah.neto@hotmail.com

Artigo recebido em novembro de 2015 e aceito para publicação em dezembro de 2015.

de referências para pontuar essa inteligência. O homem, dotado dessa vida, desenvolve a partir de sua animalidade o modo humano de estar sobre o planeta; logo então temos aglomerados do bicho-homem, tribos, vilas, cidades e começamos a registrar nossas experiências de vida a partir de nós mesmos, do outro e do mundo (INGOLD, 1994; MATURANA, 2014). Primeiro na própria terra, depois nas paredes das cavernas, rochas, papiros e livros. Passamos a produzir e a institucionalizar o conhecimento que acumulamos nessas experiências e, muito recentemente na história da humanidade, denominamos ciência ao conjunto específico de conhecimentos com modos próprios de serem obtidos (SAGAN, 2009), sistematizados e validados pelo crivo metódico da prática científica.

A técnica, considerada um traço da humanidade, quando aliada ao que chamamos de ciência proporcionou ao homem um modo totalmente não-originário de se relacionar com o mundo (KUHN, 1997). Tornamo-nos verdadeiros mestres em tecnologia e com ela provocamos alterações exponenciais em nosso planeta, pelo menos desde que o homem, na evolução de suas linguagens, faz registro de sua história e de sua ciência (ECHEVERRÍA, 2006). Nesse incansável caminhar damos continuidade à nossa história preocupando-nos quase que exclusivamente com as urgências do ser-homem – estão entrelaçados aqui nosso modo econômico de produção junto ao modo de organização da vida social. Se concordarmos que nascemos em um mundo pré-existente, entenderemos em que sentido e em que medida, mesmo em sociedades e culturas diferentes umas das outras, esses arranjos entrelaçados, enquanto modos de constituição das comunidades humanas, nos fazem viver uma vida inautêntica; quando esquecemos de nós mesmos como seres-no-mundo ao passo que perdemos o encantamento por esse mesmo mundo (HEIDEGGER, 2002; NOGUERA, 2012; SCHUTZ 2012).

Em 1º de março de 2011, num encontro solene com os integrantes da Academia Francesa, Michel Serres discursa no *Institut de France* e a sua fala é fundamentada em questões urgentes quando o assunto é o modo pelo qual o homem tem vivido o mundo atual. Em seu discurso, Serres fez uma análise de como é, para ele, o homem contemporâneo. Ele afirmou que os seres humanos e o mundo não são mais os mesmos, o que é observável desde meados de 1970. Nossas sociedades e culturas mudaram de forma e de conteúdo, “entretanto, em todo o planeta, é ainda graças à terra que comemos” e ainda assim parece que é justamente e também disso que esquecemos (SERRES, 2013, p.13).

Porém, em sentido contrário ao movimento desse esquecimento, existem filósofos, artistas, religiosos e cientistas, e muitos outros atores sociais, que em um movimento oposto ao cego caminhar do homem em via de regra, lutam contra essa maneira descompromissada de se relacionar com o planeta, como exceção. Um deles foi o cartunista e roteirista norte-americano Theodor Seuss Geisel, mundialmente conhecido como Dr. Seuss (NEL, 2003). Através de suas obras, em sua maioria voltada para o público infantil, consegue de maneira divertida, colorida e atraente levantar, mesmo em meio às crianças, temas, assuntos e abordagens que tem o objetivo declarado de protesto à maneira pela qual a sociedade mundial e, principalmente norte-americana, estão organizadas e se relacionam entre si e com a Terra (MINEAR, 1999).

Entre as ciências estamos no seio da Geografia e mesmo que, como geógrafos, não partamos da mesma visão crítica de Dr. Seuss, não é exatamente essa a tarefa tomada pela ciência geográfica nessa segunda década do século XXI? Uma de nossas preocupações, enquanto geógrafos engajados no projeto humanista unido à abordagem fenomenológico-existencialista, é aumentar coerentemente o corpo epistêmico-teórico-prático dessa ciência, que a si coloca o desafio de compreender a relação homem-meio (MARANDOLA JR., 2010). Para esse desafio é fundamental a compreensão de que por via do Pensamento

Ambiental é possível que nós, humanidade, cuidemos devidamente da Terra; dela surgimos e nela habitamos. Não considerar essas questões é expressamente esquecer-se do mundo, da vida e separar o homem da natureza (NOGUERA; BERNAL, 2013).

A partir desse desafio posto pela Geografia e em posse das obras de Dr. Seuss nos perguntamos: como poderíamos dizer a uma criança o que ela é e qual seu atual e futuro papel na sociedade? Como poderíamos tornar uma criança consciente de sua realidade, seja ela qual for, e capaz de analisar, ao seu modo e segundo as suas experiências, o mundo a sua volta e intervir nesta realidade? Não estamos mais nos tempos em que a Geografia era considerada apenas a ciência dos mapas; o ensino dos aspectos geográficos que problematizam a relação homem-meio serve, também, para formar cidadãos (ALVES; MOURA, 2002; ANDRADE, 2011; BARBOSA; LANDIM NETO, 2010; CALLAI, 2005; CARVALHO, 2011; CASTELLAR, 2005; NOVAES, 2005; SILVA, 2010). Como poderíamos ensinar Geografia a uma criança ou até mesmo a um adolescente a fim de torná-los cidadãos conscientes sobre o que é a Terra e como lidar com ela para que eles mesmos vivam? Vamos deixar que o Lorax, como o guardião das florestas que fala pelas árvores, nos mostre um caminho, que envolva em sua essência todas as vertentes apresentadas, para que consigamos plantar a última semente de Trífula da Terra no solo fértil da Educação Geográfica, e que essa relação nos dê o fruto do Pensamento Ambiental.

DR. SEUSS E A SEMENTE DE TRÍFULA

Existe diferença entre uma semente e um pensamento? Poderíamos dizer que sim, pois a semente faz parte do mundo material físico-biológico e o pensamento, além de possuir várias interpretações desde a filosofia até biologia, faz parte de um mundo imaterial. Porém, se nos deixarmos guiar pela fenomenologia e perguntarmos qual é a ponte que aproxima uma semente de um pensamento, veremos mais semelhanças que diferenças. Uma semente abriga em si a potência de um acontecer que se entrelaça à sua circunstancialidade para chegar à potência de sua existência – com o pensamento não é diferente. Das sementes surgem árvores, ora grandes, ora pequenas, mas quão grandes são os pensamentos de Dr. Seuss?

As pessoas que se dedicaram à sua história, e dentre elas as que encontramos para compor este trabalho, relatam a dificuldade de remontar a vida de Dr. Seuss pelo modo que ele se comportava com a mídia. Querendo correr de jornalistas inconvenientes e situações constrangedoras ele sempre inventava uma história fantástica para cada pergunta feita diante de câmeras ou gravadores e até mesmo bloquinhos de anotações. Buscamos as versões que os autores citados julgam ser a versão original, junto do contexto histórico da sua época de vida.

Theodor Seuss Geisel nasceu no segundo dia do mês de março do ano de 1904, na cidade de Springfield, Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América. Seus pais imigraram da Alemanha para Massachusetts por volta de 1865 e abriram em Springfield, onde seus avós já estavam, uma cervejaria chamada *Kalmbach and Geisel*, que ficou conhecida por “*Come back and guzzle*” – literalmente “volte de se empanturre”. Era um berço tipicamente alemão mesmo em terras estrangeiras. Na leva de proibições feitas pelo governo norte-americano, em 1920 foi a vez da produção, venda e transporte de bebidas alcoólicas para o combate ao alcoolismo e a violência associada, e a cervejaria da família precisou ser fechada, já que eles também passaram a serem vistos como “o inimigo” na ocasião da Primeira Guerra Mundial (MINEAR, 1999).

Após o colegial nas escolas públicas de Springfield, Ted, como era conhecido, ingressou na *Dartmouth College*, onde deu vida aos seus primeiros rabiscos na revista

de humor da faculdade chamada *Jack – O - Lantern*. No seu último ano, 1925, foi pego com mais nove amigos numa das salas da faculdade bebendo gin e, quebrando as leis da Proibição, todos foram suspensos e Ted foi proibido de editar a revista e de publicar seus *cartoons*. Desde então ele passou a usar pseudônimos como L. Pasteur, D. G. Rossetti e T. Seuss para fugir da proibição. Ele queria fazer uma pós-graduação em Inglês e, em 1926, começou seus estudos em Literatura *Oxford University*. Passou a usar o pseudônimo de *Dr. Theophrastus Seuss*, que julgava acadêmico. Não continuou os estudos, pois o que ele queria mesmo era desenhar, e não se transformar em um professor de faculdade. Abreviou então o pseudônimo para Dr. Seuss, como ficou conhecido mundialmente (NEL, 2012).

Em 1927 ele se casou com Helen Palmer, sua colega de sala em Oxford, ao passo que, de volta aos Estados Unidos, desenhava para uma revista de humor negro da época, chamada *Judge*, e para o jornal *Saturday Evening Post*. Numa sátira sobre uma questão interna da *Judge*, Seuss desenhou uma propaganda do famoso inseticida *Flit*. O bordão ficou conhecido em todo o país e era usado nas mais diversas situações. Na propaganda, em um piquenique uma mulher vê uns insetos e grita para seu esposo: “*Quick Henry, the Flit!*”. Foi uma das primeiras propagandas baseadas em humor da publicidade norte-americana, o que chamou a atenção da esposa de um dos executivos da companhia de combustível ESSO, que produzia a matriz para o *Flit*. Dr. Seuss foi contratado para trabalhar na publicidade da ESSO e por 17 anos continuou, simultaneamente, em outras empresas como a NBC, Ford e General Electric. Isso garantiu a Dr. Seuss e sua esposa uma vida razoável na grande depressão norte-americana de 1929 (MINEAR, 1999; NEL, 2012).

Quando perguntado sobre o porquê começou a escrever para crianças, ele costumava responder que o contrato com as empresas lhe impedia de publicar outro tipo de material para qualquer editoração, exceto livros infantis. Há a versão de que ele começou a escrever para crianças quando sua esposa descobriu que não podia ter filhos. Com o passar dos anos essas respostas foram sendo ressignificadas e sua inspiração sempre surgia do inesperado. Em 1937, voltando de uma viagem à Europa, acompanhando o ritmo do motor do navio, escreve e publica seu primeiro livro, chamado *And to Think That I Saw It on Mulberry Street*, mesmo depois de 27 rejeições de editoras diferentes (NEL, 2003; 2012).

Em 1943 integrou a União Cinematográfica do Exército dos Estados Unidos, pois acreditava que os nazistas mereciam ser combatidos de todas as formas. Pela primeira vez, em 1954, Dr. Seuss faz um trabalho intencional quando publica “*Horton Hears a Who!*” em protesto ao modo pelo qual os norte-americanos tratavam os japoneses e os negros, dentro do próprio país. Nesse mesmo ano a segregação racial nas escolas norte-americanas foi considerada ilegal. *Horton* é um elefante que descobre que na superfície de um grão de poeira deixado cair de uma flor existia um mundo e pessoas pequeninas moravam nele. Apenas *Horton* ouvia essas pessoas e sua frase ficou famosa: “*A person’s a person, no matter how small*” (NEL, 2012; WAXMAN, 2010).

Escritos e ilustrados por Dr. Seuss, foram publicados 44 livros ao longo de sua vida, e apenas 4 em prosa. Seu estilo é baseado em escrita de versos ritmados que se encaixam perfeitamente com as formas e as intenções das palavras. Sua grande façanha era trabalhar temas complexos com um vocabulário limitado, já que ele se perguntava sobre o que impedia uma criança de começar a ler e pensava ser uma linguagem inadequada e desinteressante, comumente oferecida aos pequeninos. Quando perguntado sobre como obtinha sucesso com o público infantil, ele dizia que era porque tratava as crianças como pessoas, e não como vulgarmente as mesmas eram tratadas (WAXMAN, 2010).

O tempo passou e Dr. Seuss respondia às mesmas perguntas de maneira totalmente diferente. Para ele o sucesso de uma leitura que seja boa para crianças é daquela leitura

que faz com que as crianças pensem. Boa parte de suas obras ainda são usadas no início da vida escolar, no ensino da leitura e da escrita. Nas palavras de Dr. Seuss, publicadas em 1960 em um de seus ensaios, e garimpadas por Philip Nel (2012, p. 9), traduzidas aqui livremente por nós,

a leitura infantil e o pensamento das crianças são o alicerce sobre o qual esse país será erguido. Ou não. Nesses dias de tensão e confusão, os escritores estão começando a perceber que os livros infantis têm um maior potencial para o bem ou o mal do que qualquer outra forma de literatura na Terra.

Dr. Seuss se tornou um dos mais influentes pensadores e poetas norte-americanos tendo seu trabalho cuidadosamente traduzido para mais de 15 línguas. O desafio da tradução é explícito quando se tenta manter o sentido de cada frase, independentemente da obra, pois, esquecendo o alemão e adotando o inglês, se debruçou sobre como funciona a língua e brincou com as palavras, de todas as formas possíveis. Em 1968, com 64 anos de idade, ele se casa novamente, agora com Audrey Dimond, uma ex-enfermeira que tinha duas filhas.

Todos os seus livros após a Segunda Guerra Mundial procuravam instigar, a quem lia, o fazer de coisas boas, desde *Horton Hears a Who*. Em 1970 logo após o casamento, irritado com o modo pelo qual as empresas estavam tratando as questões ambientais, Dr. Seuss começa a escrever um novo conto. Mas ele não gostou do que escreveu; se sentia cansado e dizia estar enferrujado, pois queria um conto ecológico para as crianças, mas acreditou não ter conseguido nada além de uma propaganda com enredo (NEL, 2012).

Mesmo entendendo o propósito moral em seus livros, ele não queria apenas mais uma fábula que parecesse uma espécie de pregação ou dogma. Audrey sugeriu que ele fizesse uma viagem para colocar as ideias no lugar e então Dr. Seuss segue para o Quênia, na África e lá, vendo alguns homens tralhando e cortando árvores, ele pensou que aqueles homens poderiam até cortar aquelas árvores por um motivo qualquer, mas não poderiam nunca cortar as árvores de Dr. Seuss. Meses de reflexão e escrita e nos foi apresentado *The Lorax*, em 1971. Como também era mestre em provocar a imaginação e tudo que ele produziu era inventado por ele mesmo, dessa vez não foi diferente. Inventou as árvores de Trífula, que têm folhagem felpuda, frutos de uma cor lilás que davam sementes, e também inventou o *Lorax*, o guardião da floresta de Tréfulas que fala pelas árvores. Ele dedicou essa obra à Audrey e suas duas filhas. Nel (2012) salienta que o jogo de cores usado nos desenhos foi propositalmente exagerado para marcar a diversidade da natureza e provocar o sentimento de necessidade do cuidado com o meio ambiente e com o planeta.

No Brasil o próprio Dr. Seuss e parte de sua obra ficou conhecida a partir de adaptações feitas pela *Blue Sky Studios* junto com a *20th Century Fox Animation* na produção de *Dr. Seuss’ Horton Hears a Who*, nos cinemas em 8 de março de 2008, e depois a *Universal Picture* junto com a *Illumination Entertainment* lançou *Dr. Seuss’ The Lorax*, que foi aos cinemas em 1 de março 2012, ambos em animação gráfica computadorizada. No desfecho de *The Lorax*, tudo o que resta na Terra são pessoas alienadas e sem esperança, e uma única e última semente de Tréfula para ser plantada, regada e cuidada. Essa semente é o pensamento de Dr. Seuss que, até os dias atuais, faz parte do mundo de quem regou um pouco essa semente, independentemente do solo em que tenha caído e do país, da raça ou do credo. Na figura 01 podemos ver, da esquerda para a direita, Dr. Seuss posando para jornalistas e segurando um dos seus famosos livros, *The Cat in The Hat*. Temos também o elefante *Horton* segurando a flor que abriga o grão de poeira onde vivem “pequenas pessoas”, e por fim a floresta de Tréfulas pelas quais fala o *Lorax*.



O LORAX E O CUIDADO COM A TERRA

Olhemos mais de perto a publicação de *The Lorax* no outono do ano de 1971. Como estava o mundo nessa época? A segunda metade do século XX pode ser considerada como marco fundamental para o início de discussões e tomadas de medidas referentes à maneira pela qual a humanidade, na forma da sociedade civil e seu modo de produção e consumo de bens, estava se relacionando com o planeta de modo geral. De modo específico mesmo com abrangência mundial, a preocupação que surgia, junto às organizações que concentravam representatividade de várias nacionalidades, era a respeito da exploração dos recursos naturais do planeta e a maneira com que cada povo estava se relacionando com seu entorno em seu cotidiano. Como muitos foram os acontecimentos antes e depois de *The Lorax*, fixamos alguns dos considerados mais marcantes para a conscientização sobre os cuidados com a Terra.

No ano de 1968 a Conferência Sobre a Biosfera, organizada pela UNESCO e realizada em Paris, uniu mais de 100 países para a discussão sobre a possibilidade de funcionamento de um programa de cooperação científica internacional para o estudo e a disseminação sobre os cuidados dos povos com o meio ambiente. O fruto dessa conferência foi o *Man and Biosphere Programme*, lançado em 1971 com o propósito de formar a base científica necessária para o estabelecimento de áreas chamadas de Reserva da Biosfera (RBMA, 2000).

A reflexão inicial sobre essas questões foi provocada pelas consequências negativas da constante industrialização, principalmente nos países mais ricos. Com o anúncio da questão por diversos meios de comunicação a opinião pública começou a se organizar no questionamento sobre o que aqueles que estavam provocando essas consequências ruins iriam fazer a respeito. Os ambientalistas radicais propuseram um “crescimento zero”, o que deixou a indústria em geral furiosa, mas a repercussão política das questões ambientais ainda não era suficiente para provocar mudanças com a mesma dimensão das perturbações na Biosfera (LAGO, 2006).

Em 1966 o italiano Aurelio Peccei, então presidente da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), reuniu mais de 60 pessoas influentes na sociedade mundial industrial, incluindo cientistas e empresários da Volkswagen e FIAT. O objetivo era mostrar que as discussões sobre meio ambiente, desenvolvimento social e crescimento econômico não eram de maneira alguma apenas relevantes para esta ou aquela parcela das sociedades. Políticos e industriais envolvidos nas alterações provocadas pela constante exploração natural foram convidados a participarem das tomadas de decisão a respeito do estabelecimento de novas maneiras de continuar crescendo. Logo, em 1971, foi publicado sob o título de “Os Limites do crescimento” o *The Club of Rome Project on the Predicament of Mankind* (O Projeto do Clube de Roma sobre o Apuro da Humanidade) onde era mostrada a preocupação com as previsões a respeito do crescimento industrial e demográfico (LAGO, 2006; OLIVEIRA, 2012).

Também em 1971 em Ramsar, no Irã, aconteceu a “Convenção sobre Zonas Úmidas de Importância Internacional, especialmente como Habitat para Aves Aquáticas”. A discussão em torno do tema era a de reconhecimento das áreas úmidas do planeta como fonte de

biodiversidade e garantia de manutenção da vida como a conhecemos para minimizar os impactos ambientais causados pela industrialização. No Brasil, por exemplo, temos 11 Sítios Ramsar, proveniente dos acordos da convenção (PRATES, 2010).

Após a criação da Organização Green Peace, no Canadá, ocorreu na cidade de Founex, na Suíça, uma reunião de especialistas ambientais europeus e canadenses que, na confecção do Relatório Founex, declararam que o planeta estava passando por um esgotamento ambiental e que a participação de todos nesse processo de construção de uma nova mentalidade era mais que necessária, indispensável. Isso encorajou parte dos países desenvolvidos a estarem presentes na “Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano”, realizada em 1972 na cidade de Estocolmo, Suécia (DONATO; PEREIRA, 2014; FBDS, 2000).

Num comum acordo de representatividade ecumênica dos credos da Terra, a Igreja Católica na figura do Bispo de Roma, o Papa, também fez suas contribuições junto à questão ambiental. Em 1963, majoritariamente preocupado com as discussões a respeito do desenvolvimento de armas nucleares, como consequência das explosões no Japão, o Papa João XXIII publica a encíclica *Pacem in terris*. Suas palavras foram direcionadas não apenas ao público católico, mas à “todas as pessoas de boa vontade”, alertando a comunidade global sobre as causas e consequências da deterioração do meio ambiente (JOÃO XXIII, 1968, p.1).

Em 1971 é publicada pelo então Papa Paulo VI uma Carta Apostólica intitulada *Octogesima Adveniens*, escrita em comemoração aos 80 anos da Carta Encíclica *Rerum Novarum* – Sobre a Condição dos Operários, do Papa Leão XIII em 1891. A Carta procurava, também, mostrar que o homem estava sendo vítima do seu próprio desenvolvimento tecnológico na figura do crescimento da sociedade industrial e seu impacto negativo sobre a mãe Terra. A exortação foi direcionada à Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), para que seus dirigentes tomassem consciência da “necessidade urgente de uma mudança radical no comportamento da humanidade” pois “as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem” (PAULO VI, 1971 *apud* FRANCISCO, 2015. p. 4).

Da mesma maneira o mundo artístico se manifestava direta e indiretamente a favor de uma nova organização social e econômica que pensasse a respeito da dependência orgânica que a humanidade mantém com seu berço, o planeta Terra. Assim, em 1971 John Lennon lança nos Estados Unidos o álbum *Imagine*, com música de mesmo título que se tornou “um hino à compreensão, à tolerância, à unidade, à solidariedade humana” (ANJOS, 2007. p. 22). No Brasil, após seu exílio na Itália, Chico Buarque lançava o álbum “Construção”. Mesmo que um esforço parecido tenha sido feito nos anos 60 com a música “Pedro Pedreiro”, foi com a música de mesmo nome do álbum, no ano de 1971, que surgiu “uma visão crítica mais amadurecida e inteirada do homem comum das ruas [...] às voltas com as imposições do mundo do trabalho dominado pelo capital” reflexo da maneira pela qual a sociedade industrial estava se relacionando com os recursos naturais e, conseqüentemente, com os homens (SOUZA, 2007, p. 50).

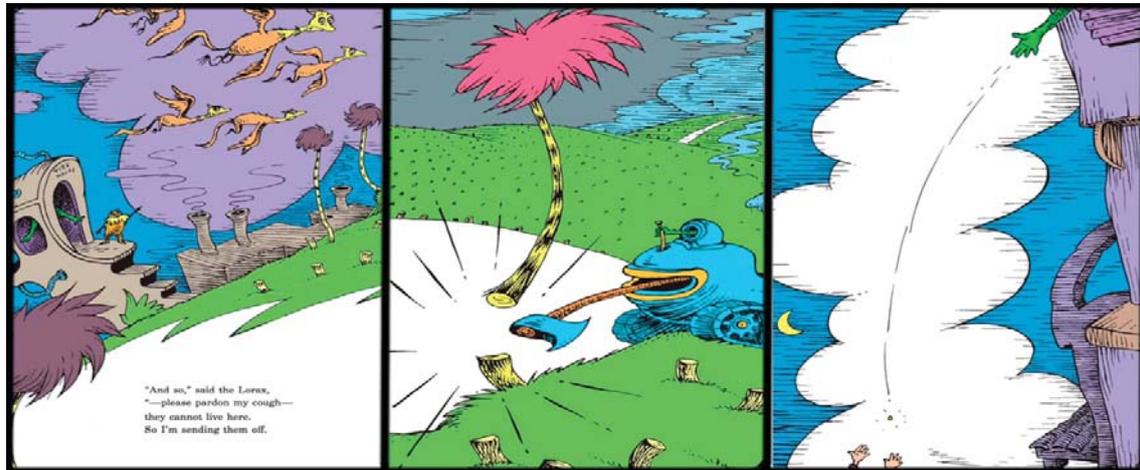
No mundo da ciência voltada à tecnologia, víamos no mesmo ano de 1971 o surgimento do chip 4004, o primeiro microprocessador do mundo fabricado pela *Intel* responsável pelas primeiras digitalizações de processos analógicos (SOUZA, 2012) e o envio do primeiro *e-mail* da humanidade, com *software* específico criado por Ray Tomlinson, enquanto trabalhava na *BBC Technologies*, nos Estados Unidos. (TUSSI, 2006). A *APOLLO 14* chega à lua e a *Mariner 9* passa pelos planetas Mercúrio, Vênus e chega a Marte, provocando a concorrência entre os países desenvolvidos pela exploração

espacial (NASA, 1971; 2009). Agora estamos em condições de relembrar a importância que Dr. Seuss dava ao tratamento adequado da literatura infantil, na esperança de que, a partir das “pequenas pessoas” que são as crianças, o planeta tivesse a chance de se recuperar, e a sociedade continuar habitando-o.

O que se segue é nossa interpretação resumida da história, que não possui tradução para o português. Em *The Lorax* (GEISEL, 1971), um garoto ultrapassa os muros de sua cidade e vai em direção a uma antiga estrada, e nela uma velha placa indicava que aquela era a rua onde andava o Grande Lorax. Mas onde ele estava e por que ele tinha ido embora? Se alguém fosse até o fim da rua veria a casa do velho Once-ler, que conhecia a história sobre o porquê tudo ficou cinza e feio e sobre o Lorax ter ido embora. Bastava que alguém levasse até ele “15 centavos, um prego e uma concha do tataravô de um caracol” (p.8), e colocasse no seu balde o pagamento pela história. Assim o garoto fez e Once-ler começou a contar o que aconteceu há muito tempo atrás. Ele começou a se lembrar de um tempo em que “a grama ainda era verde” (p.14). Chegando nesse “lugar glorioso” ele avistou “aquelas árvores de Trúfula, com seus tufos brilhantes e coloridos” (p.14). Pequenos ursos e peixes brincavam por ali. Encantado com aqueles tufos, Once-ler disse que a vida inteira procurava por aquilo e que seu “coração estava em alegria” (p.19). Desfez sua carroça, montou uma barraca, e derrubou uma árvore de Trúfula “com uma machadada só” e com grande velocidade tricou o seu *Thneed* (p.20). Então Once-ler ouviu um barulho, e um homenzinho laranja com um grande bigode surgiu do tronco cortado da árvore, e era difícil de descrevê-lo. “Eu sou o Lorax. Eu falo pelas árvores. Eu falo pelas árvores, pelas árvores que não tem língua. E eu te peço, senhor, a plenos pulmões, que [...]” (p.25) e parou de falar quando se assustou e perguntou que coisa era aquela que o forasteiro tinha feito com seus tufos de Trúfula. Era um *Thneed*, muito útil e versátil, “uma-coisa-da-qual-todos-precisavam” (p.26). Revoltado, Lorax achou um absurdo e disse que ele estava enlouquecendo com aquela ganância e que ninguém compraria seu *Thneed*. Mas foi vendido, foi um sucesso, e Once-ler chamou sua família para trabalhar para ele, mesmo aos protestos de Lorax. Sua fábrica estava prosperando e, mesmo depois de prometer não cortar mais as árvores, disse que os negócios precisavam crescer e que ele nada podia fazer a respeito. Devagar a paisagem foi mudando e Lorax foi mandando os animais embora (p.36). A água estava oleosa, as nuvens, negras, a fumaça tomava conta de tudo e não havia mais o que os animais pudessem comer, quando um estrondo se faz ouvir e Once-ler se dá conta de que a última árvore de Trúfula fora cortada (p.53). Sem trabalho, sua família o deixou e o Lorax partiu sem falar qualquer coisa (p.57). Deixou apenas uma palavra circulada por pedras que Once-ler não sabia o que significava, até que o garoto foi lhe perguntar sobre o que havia acontecido com Lorax. A palavra era *Unless* (p.58). “A menos que alguém como você se preocupe inteiramente, muito enormemente, nada ficará melhor. Não ficará” (p.59). Once-ler gritou: “Pegue! Essa é uma semente de Trúfula. A última de todas!” (p.62). Em grifo nosso, ainda na página 62, o último trecho do livro:

You're in charge of the last of the Truffula Seeds.
And Truffula Trees are what everyone needs.
Plant a new Truffula. Treat it with care.
Give it clean water. And feed it fresh air.
Grow a forest. Protect it from axes that hack.
Then the Lorax and all of his friends / may come back.

Figura 02. Final de *The Lorax* (GEISEL, 1971, p. 36, 43, 61) – Org. Moreira Neto, Henrique F. (2015).



Na figura 02 podemos ver, da esquerda para a direita, o momento em que Lorax manda os animais embora por ali já estar por demais destruído e não haver comida suficiente. No quadro do meio vemos quando a última árvore de Trúfula é derrubada. No fim Once-ler lança para o garoto a última semente de Trúfula da Terra para que ele plante. Nel (2012) nos conta que *The Lorax* foi um personagem fictício com inimigos reais na ocasião de sua publicação e sucesso entre as crianças do Estado de Massachusetts. Os pais que pertenciam a comunidades madeireiras não queriam que seus filhos lessem o livro, e seus esforços culminaram num pedido feito à Associação das Bibliotecas Americanas para que *The Lorax* fosse banido das listas de leituras do país e o foi, mas por pouco tempo. Tão grande foi a repercussão e impacto da obra de Dr. Seuss que após 24 anos de sua publicação a Associação Nacional dos Fabricantes de Pisos de Madeira norte-americana lançou uma cartilha intitulada *Truax*, escrita por Terry Birkett, um membro da associação, para ir contra as ideias transmitidas por Lorax às crianças e aos adultos que o liam. Feito em 200 mil cópias e publicado na internet, está escrito na capa, em tradução nossa: “Eu sou o Truax, eu falo pelos trabalhadores da Indústria Madeireira” (BIRKET, 1995; TIMBERLINE, 1999).

Estaria o pensamento de Dr. Seuss ameaçado de alguma maneira? Os trabalhos dos anos que seguem até sua morte, em 1991, mostram que não. Se não era a intenção inicial, a de plantar sementes de Pensamento Ambiental, assim como ética e moral, certamente se tornou após a publicação de *The Lorax*, pois ele pôde ver que da mesma maneira que existiam pessoas que compreendiam a necessidade do cuidado com a Terra, também existiam pessoas que, conscientemente, queriam a degradação. Essas acreditam que “usufruir” dos recursos naturais é um direito garantido, não sabemos por quem, para que elas continuem vivendo. Sem reflexão seguimos, produzindo e consumindo sem nos preocupar com as consequências negativas de nosso “desenvolvimento”. Esquecer de cuidar da Terra é esquecer de nós mesmos. Continuaremos apostando nas “pequenas pessoas” para mudar esse quadro? Como estamos fazendo? “A natureza não é muda. Ela fala. [...] O ser humano pode escutar e interpretar esses sinais. Não existe apenas. Co-existe com todos os outros. A relação não é de domínio, mas de convivência [...]” (BOFF, 2005, p. 31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PARA O PENSAMENTO AMBIENTAL

Compreender a construção do cidadão em sua dignidade de pessoa humana e situação no mundo é mais que um desafio que se impõe à Geografia, como ciência que se ocupa da relação homem-meio. É o esforço de nós, geógrafos, na elaboração de métodos e práticas, compreendermos a natureza mesma da contribuição que a ciência geográfica é capaz de oferecer nessa construção. A construção de uma visão crítica a partir da leitura de mundo não se encaixa nos moldes fragmentários de conhecimento do pensamento moderno, e dentre tantas urgências reclamadas no contemporâneo, o Pensamento Ambiental é uma proposital redundância que marca um sentido - uma urgência, urgentemente, urgente – é o pensamento que faz com que nos reconheçamos enquanto cidadãos do mundo e que toca as questões sobre o cuidado com a nossa “casa comum” (FRANCISCO, 2015), na qual habitamos, que é a Terra. Essa é nossa semente.

Plantada a última semente de Trúfula da Terra no solo da Educação Geográfica, vejamos como ela germina e sigamos as orientações do Once-ler: a tratemos com cuidado, água limpa e ar fresco e deixemos que cresçam florestas. Quando Alves e Moura (2002) pensam sobre a prática da Educação Geográfica e seus pressupostos teórico-metodológicos no seio da ciência geográfica, marcam a necessidade da fundamentação de um modo de pensar e de fazer, para que a prática de ensino, nesse caso em Geografia, e seus objetivos não sejam alheios ao mundo em que vivemos junto à orientação daqueles sob nossa responsabilidade. Compreendendo o contexto científico no qual estamos inseridos e qual a relação que devemos manter com a ciência como cidadãos do mundo, conseguiremos “fazer a correta transmutação para o saber a ser ensinado, tornando-o acessível para a construção de conceitos e de conhecimentos que levam em conta a experiência cotidiana do educando (ALVES; MOURA, 2002, p. 317).

Como não estar alheio ao mundo e à vida? Aqui se desenvolvem 2 caminhos, paralelos e com o mesmo sentido. O primeiro caminho é a marcação do ponto teórico-metodológico que adotamos na ciência geográfica para mantermos a coerência do pensar e do fazer. Junto às reflexões de Marandola Jr. (2005a), quando pensa sobre como o mundo pode ser experiencialmente compreendido frente à necessidade, da humanidade, de produção de saberes, entendemos que o projeto moderno de concepção dos conhecimentos entra em crise. Essa crise é marcada, por sua vez, pelas configurações do próprio mundo, que não é fragmentado enquanto realidade imediata, e sim um fenômeno único e complexo de infinitas possibilidades de interpretação, todas entrelaçadas. Há então um chamado à interdisciplinaridade e é por ela que deve passar a construção cidadã (MARQUES, 1993 *apud* CALLAI, 2005, p. 231).

O segundo caminho é ensinando o educando a ler o mundo e aprendendo a ler o mundo junto com ele. Ler o mundo é um objetivo dentre as muitas possibilidades de dar sentido à uma Educação Geográfica que construa o cidadão. Justamente nesse sentido entendemos que “construir a idéia de espaço na sua dimensão cultural, econômica, ambiental e social é um grande desafio da geografia, e da geografia escolar” (CASTELLAR, 2005, p.211). Junto desse desafio concordamos com Callai (2005, p. 233) quando coloca como condição da aprendizagem da leitura do mundo a leitura da palavra, e esta como a condição primeira do exercício de prática da leitura do mundo, uma vez que essa prática, também, é experiência de vida e de mundo. Isso “significa ler para além da palavra em si, percebendo o conteúdo social que ela traz, e, mais ainda, aprender a produzir o próprio pensamento que será expresso por meio da escrita”.

A produção desse pensamento, que agora se remete ao ato de pensar em si, precisa ser provocada através de ferramentas que consigam compartilhar dessas duas características já apontadas: a reflexão sobre o mundo e a aprendizagem escolar a partir da transgressão dos limites impostos pelas disciplinas (SACRAMENTO, 2012). Entendemos que foi isso que Dr. Seuss fez em sua obra, mesmo não sendo institucionalmente um professor ou geógrafo, quando ensinava as crianças a ler ao passo que mostrava para elas o ideal de mundo que ele acreditava ser justo e sustentável. Dessa maneira, dava a oportunidade de a criança, e quem o lia de modo geral, por meio de uma Educação Geográfica via literatura como pensado por Barbosa e Silva (2014), erigir com a ajuda de Lorax seu próprio mundo através do seu pensamento, um pensamento que precisa ser ambiental. Chegamos à essa consideração frente a necessidade apresentada pelo próprio mundo a partir de nós, os homens e a construção do humano, quando somos vítimas de nossas próprias intervenções em nossa morada.

O Pensamento Ambiental vem para marcar uma contraposição ao pensamento moderno sobre a crise ambiental. É a maneira de considerar o mundo em sua complexidade e completude e não como campos que não conseguem conversar. É uma ressignificação da questão ambiental que, mesmo a nível global, busca no universo microscópico do lugar a pluralidade necessária para a construção de posturas e condutas que nos façam refletir sobre a nossa condição. É a tentativa de recuperação de uma unidade esquecida, mostrando sempre que as cisões entre sociedade e natureza e até mesmo entre homem e meio não existem no mundo da vida; é um pensamento que tem a Terra como fundamento, e o que chamamos de crise ambiental na verdade é uma crise da humanidade na forma das sociedades. Uma crise das culturas em suas civilizações (NOGUERA, 2012). É esse o pensamento que nos permite conceber o planeta Terra como nossa casa, como nosso lar, pois independentemente do lugar, estamos todos sobre a superfície desse planeta. Para Tuan (2013, p. 176) “a casa é um lugar íntimo”. Como temos lidado com essa intimidade? Destruído esse lar, teremos para onde ir?

A modernidade e a ciência caíram em crise ao esquecerem do mundo da vida; ao se distanciarem cada vez mais dele, separando o homem da natureza, e esse quadro é um dos pontos que norteiam a geografia concebida fenomenologicamente. Essa separação impossibilita o homem de se questionar, e conseqüentemente, de solucionar suas questões quando se trata do fazer humano (NOGUERA; BERNAL, 2013). Essa impossibilidade e/ou incapacidade se nos apresenta como consequência direta da desvinculação da técnica para com o sentido da vida quando abandona o sentido vital do mundo. “Ahora, el ser humano no se reconoce en el entramado de la vida como un hilo más de ella, sino como el único ser que puede dominar la totalidad de la vida” (NOGUERA; BERNAL, 2013, p.22). Dito de outra maneira, em uma tentativa de abandono do trato representacional do mundo potencializado pela técnica moderna, precisamos buscar a compreensão do mundo como ele é em sua circunstancialidade, onde a experiência é a condição imprescindível da condição humana (MARANDOLA JR., 2005b).

Nós, grandes, pequenos, educandos ou não, habitamos esse planeta. Logo feita a afirmação ela se volta contra nós como dúvida. Precisamos marcar isso. Mas, por qual motivo nos perguntamos tanto pelo habitar na contemporaneidade? Acreditamos ter sido Martin Heidegger, em sua preocupação com as questões do ser, quem melhor nos clareou a ideia de habitar desde as origens da própria palavra. E não é a leitura da palavra que queremos como prática de uma leitura do mundo? Habitar, na perspectiva fenomenológica de Heidegger, vai além da habitação que uma residência oferece enquanto abrigo. Habitar está no âmbito da existência do homem como ser pensante, que constrói sua morada sobre a terra no cuidado frente às experiências que o permite ser, pois “o homem é à medida que habita” (HEDEGGER,

2001. p.125). Temos conseguido habitar genuinamente? Considerando o pressuposto de que o ser humano é um agente autopoietico (MATURANA, 2012; NOGUERA, 2013), ou seja, que constrói a si mesmo modificando não apenas a si, mas ao outro e ao espaço, o habitar, maneira própria de estarmos sobre a Terra, está em risco (MARANDOLA JR., 2008).

Risco, perigo, vulnerabilidade. Todas são palavras que além de precisarem lidar com novas significações, estão, também, no centro das discussões da Geografia que busca a compreensão, mitigação e resiliência dessas condições (MARANDOLA JR.; HOGAN, 2004).

O desenvolvimento tecnológico é certamente um ator desse palco sobre o qual se desenrola a existência do homem. Num mundo que é cada vez mais digitalizado e as coisas são submetidas à virtualização, devemos não apenas compreender como estamos inseridos nos fatores de risco a partir de nossa realidade contemporânea, como também considerar, “na educação, a nova realidade do mundo atual, cujas características implicam que a velocidade da informação supera qualquer distância, e que todos os problemas do cotidiano se entrelaçam em níveis [muito mais] complexos” (CALLAI, 2005, p. 236).

Acreditamos que através do ensino da Geografia, mais precisamente, da Educação Geográfica o aluno que aprende a ler e entender o mundo, tem uma formação educacional e pedagógica fundamentada em valores éticos, pode de forma autônoma e reflexiva agir no mundo, amenizando aspectos das crises socioambientais da atualidade, por meio da construção de relações de reprodução dos espaços e da vida sustentáveis (ANDRADE, 2011, p. 22).

Essa relação sustentável com nossa casa comum é bem clara em *The Lorax*, quando Once-ler percebe que a degradação do meio ambiente natural em detrimento da reprodução do capital não faz sentido algum, existencialmente falando. Pelo contrário, é uma espécie de suicídio quando pensamos que, de modo geral, estamos destruindo o lugar onde moramos sem ponderar sobre nossa relação orgânica com esse lugar. E é um assassinato de poucos para com outros muitos quando entendemos que, assim como percebeu Dr. Seuss nas críticas negativas iniciais da publicação de *The Lorax*, esses poucos detentores das máquinas que movem a reprodução capital estão insatisfeitos com a condição humana e promovem, com intenção, a produção de um “mundo que nos nega” (MATURANA, 2012, p. 249).

Pensando todas essas relações, acreditamos que a Educação Geográfica é mais que um mero aporte pedagógico para o cumprimento do currículo escolar. Ela tem as condições necessárias para auxiliar o educando na sua situação no mundo e compreensão do lugar onde seu mundo acontece e se amplia. Essa faculdade da compreensão da situação só é possível via promoção da autonomia, tanto do educador como do educando. Paulo Freire é quem nos deixa esse legado. A provocação sobre novas maneiras de educar frente às novas configurações do mundo contemporâneo. Compreensão e percepção e experiência devem agir juntos para uma vigília que vele a busca da verdade como condição própria do viver-bem esse mundo. “Logo, o professor de geografia tem que ter a capacidade de lutar por uma sociedade mais justa e autônoma” (MENDES, 2010, p. 35).

REFERÊNCIAS

ALVES, José; MOURA, Jeani D. P. Pressupostos teórico-metodológicos sobre o ensino de geografia: Elementos para a prática educativa. **Geografia**, Londrina, v. 11, n. 2, jul./dez., 2002. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/wrevojs246/index.php/geografia/article/view/6733>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

ANDRADE, Livia Iglesias de. **A educação geográfica como um caminho para a promoção de sustentabilidades**: resgatando valores socioambientais com o 6º ano do ensino fundamental. 2011. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia da PUC – Rio. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18186/18186_1.PDF>. Acesso em: 7 dez. 2015.

ANJOS, Francisco Flávio Oliveira dos. **The Beatles**: ensaio sobre a ética do amor. 2007. 180p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2007. Disponível em: <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/FranciscoFOA.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2015.

BARBOSA, Maria E. S.; LANDIM NETO, Francisco O.. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na geografia escolar. **Geosaberes**, Ceará, v. 1, n. 2, dez., p. 160 – 179, 2010.

BARBOSA, Tulio; SILVA, Igor A.. O ensino de geografia e a literatura: uma contribuição estética. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 49, mar., p. 80–89, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/23358>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

BIRKETT, Terry. **Truax by Terry Birkett**. 1995. Disponível em: <<http://woodfloors.org/truax.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 28 – 35, 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/6/12>>. Acesso em: 5 dez. 2015.

CALLAI, Hellena C.. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

CARVALHO, Clerisnaldo Rodrigues de. Ética, solidariedade, cidadania e ensino de geografia: ideias e práticas. **GeoAtos**, Presidente Prudente. v. 2, n. 11, jul./dez., p. 49-59, 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/1279>>. Acesso em: 4 dez. 2015.

CASTELLAR, Sônia M. V.. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a05v2566.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

DONATO, Manuella; PEREIRA, Matheus Gomes. A inserção do Sul global no debate ambiental: uma análise a partir do relatório de Founex. **RICRI**, v. 2, n. 3, p. 70-86, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ricri/article/view/19982>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontologia del lenguaje**. Buenos Aires; Granica: Saez, 2006.

FBDS, Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável. Escala Histórica sobre o Desenvolvimento Sustentável, [2000]. Disponível em: <http://www.fbds.org.br/fbds/article.php3?id_article=77>. Acesso em: 5 dez. 2015.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'** sobre o Cuidado da Casa Comum. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 4 dez. 2015.

GEISEL, Theodore Seuss. **The Lorax, by Dr. Seuss** [pseud.]. New York: Handom House Inc., 1971. 70p.

_____. **Horton Hears a Who! by Dr. Seuss** [pseud.]. New York: Handom House Inc., 1954.

ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e**

conferências. (trad. Emmanuel C. Leão; Gilvan Fogel; Marcia S. C. Schuback) Petrópolis: Vozes, 2001. p.125-141.

_____. **Ser e tempo** – parte I. (trad. Marcia Sá C. Schuback) 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 325p.

INGOLD, Tim. Humanity and animality. In: Ingold, T. (Org.). **Companion encyclopedia of anthropology.** London: Routledge, 1994. p. 14-32.

JOÃO XXIII. Carta Encíclica **Pacem in terris.** Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1963. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html>. Acesso em: 4 dez. 2015.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LAGO, André Aranha Corrêa do. **Estocolmo, Rio, Joanesburgo:** o Brasil e as três Conferências Ambientais Das Nações Unidas. Fundação Alexandre Gusmão (Funag) – Brasília: Thesaurus Editora, 2006. 274p.

MARANDOLA JR., Eduardo. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005a.

_____. Da Existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 24. Jan./jun., p. 49-57, 2005b.

_____. **Habitar em Risco:** mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP – 2008.

_____. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, jan./jun., p. 7-26, 2010.

MATURANA, Humberto, et al (orgs). **A ontologia da realidade.** 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 414p.

MENDES, Mariana F. A obra pedagogia da autonomia de Paulo Freire e a prática docente na geografia: contribuições para o pensamento geográfico. **Geosaberes**, Ceará, v. 1, n. 1, maio, p. 27-36, 2010. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewArticle/17>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

MINEAR, Richard H. **Dr. Seuss Goes to War:** the world war II editorial Cartoons of Theodor Seuss Geisel. Introduction by Art Spiegelman. New York: New Press, 1999.

NASA. National Aeronautics and Space Administration. **Apollo 14 Mission Report.** Approved by James A. McDivitt. Manned Spacecraft Center. Houston, 1971. Disponível em: <https://www.hq.nasa.gov/alsj/a14/A14_MissionReport.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2015.

_____. National Aeronautics and Space Administration. Mariner to Mercury, Venus and Mars. **NASA Facts**, Jet Propulsion Laboratory. Pasadena, CA: NASA Press kit, 2009. Disponível em: <<http://mars.nasa.gov/files/mep/Mars-Mission-Mariner-Fact-Sheet.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

NEL, Philip. **Dr. Seuss:** American Icon. New York: Continuum Books, 2003. 301p.

_____. **Seuss's Biography.** Seussville. Random House, Inc, 2010. Online Version at 12 May 2012. Disponível em: <<http://www.seussville.com/author/SeussBio.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

NOGUERA, Ana P. **El reencatamiento del mundo.** México D. F.; Manizales: Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente, PNUMA; Universidad Nacional de Colombia, 2012.

NOGUERA, Ana P.; BERNAL, Diana A.. Tensões entre el mundo tecnológico y el mundo de la vida. **Logos.** Bogotá, Colômbia, n. 23, jan./jun., p. 21 - 37, 2013.

NOVAES, Ínia F. de. A geografia nas séries iniciais do ensino fundamental: desafios da e

- para a formação docente. 2005. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <http://www.bdtu.ufu.br/tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=879>. Acesso em: 8 dez. 2015.
- OLIVEIRA, Leandro Dias de. Os “Limites do Crescimento” 40 anos depois: Das “Profecias do Apocalipse Ambiental” ao “Futuro Comum Ecologicamente Sustentável”. **Revista Continentes** (UFRRJ), ano 1, n. 1, p. 72–96, 2012. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/revistaconti/pdfs/1/ART4.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.
- PRATES, Ana Paula Leite. **O que é a convenção de Ramsar?** Ministério do Meio Ambiente - Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Gerência de Biodiversidade Aquática e Recursos Pesqueiros. 2010. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/205/_arquivos/convencao_ramsar_205.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2015.
- RMBA (Conselho Nacional Reserva da Biosfera da Mata Atlântica). **O Programa MaB e as Reservas da Biosfera**. [2000]. Disponível em: <http://www.rbma.org.br/mab/unesco_01_oprograma.asp>. Acesso em: 05 dez. 2015.
- SACRAMENTO, Ana C. R.. Diferentes linguagens na educação geográfica da cidade Rio de Janeiro. **Revista Continentes**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 97–118, 2012. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/revistaconti/pdfs/1/ART5.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2015.
- SAGAN, Carl. **Cosmos**. Tradução de Maria Aute de Barros. Lisboa: Gradiva, 2009. 508p.
- SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013
- SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Tradução de Raquel Weiss. Edição e organização de Helmut T. R. Wagner. Petrópolis: Vozes, 2012. 357p.
- SILVA, Gilcileide R. da. O Ensino de Geografia na Educação Básica: os desafios do fazer geográfico no mundo contemporâneo. 2010. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-24092010-152321/pt-br.php>>. Acesso em: 8 dez. 2015.
- SOUZA, Claudeir Aparecido de. **Música e poesia nas canções de malandragem de Chico Buarque de Holanda: a tradição poética e a música popular**. 2007. 159p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2007. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/casouza.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2015.
- SOUZA, Maicon Lima de. **Evolução dos processadores e seu futuro**. 2012. 52p. Monografia. Universidade São Francisco, Itatiba. 2012. Disponível em: <<http://lyceumonline.usf.edu.br/salavirtual/documentos/2343.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2015.
- TIMBERLINE. **Enter, Truax; Exit, Dr. Seuss**. Industrial Reporting, Inc, 1999. Disponível em: <<http://www.timberlinemag.com/article/database/view.asp?articleID=116>>. Acesso em: 7 dez. 2015.
- TUSSI, Alessandra Colla Soletti. **E-mail como instrumento pedagógico para promover o progresso dos alunos em um curso de inglês online**. Trabalho de Conclusão de Curso. 2006. 90p. Centro Universitário SENAC, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/alemail.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2015.
- WAXMAN, Laura Hamilton. **Dr. Seuss**. - History maker biographies Collection – Minneapolis: Lerner Publications Company, 2010. 52p. Disponível em: <<http://www.arvindguptatoys.com/arvindgupta/seuss-history-maker.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2015.